

N.º 12558

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 30

A lição de tres anos

PUBLICADA PELO

Col. 30

Bureau da Imprensa Britanica em Lisboa



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

—
1917



A lição de tres anos

Quando o futuro historiador da guerra acabar os seus estudos e pegar na penna, terá provavelmente chegado á conclusão que o grande motivo inspirador da historia que vai relatar, o principio pelo qual se pode explicar toda a serie de factos formidaveis, é que a guerra decidiu-se em setembro de 1914. A partir daquela data o resultado era inevitavel devido á decadencia persistente das forças germanicas e o desenvolvimento pausado, porém incessante, das forças dos Aliados. Não é esta certamente a conclusão que tirariam aqueles que se deixam levar pelos ultimos comunicados, ora exageradamente triunfantes, ora despropositadamente deprimidos por algum triunfo insignificante ou por algum pequeno revez. Diriam provavelmente que o caracteristico da guerra mais em evidencia era a sua aptidão para destruir esperanças, adiar decisões, dar no momento oportuno as forças necessarias aos vencidos para se salvarem do aniquilamento, pôr impecilhos no caminho do vencedor no momento de lançar mão da vitoria. Porém a visão do historiador contemporaneo, mesmo que seja um homem de bom criterio, é sempre defeituosa: o seu juizo é prejudicado por mil detalhes em conflicto; não se acha disposto a exa-

minar a sangue frio toda a evidencia; exagera o trivial e despreza o essencial.

Era simples o problema ao principiar a guerra. Poderia a maquina militar alemã, na sua perfeição superlativa, obrigar a uma decisão primeiro que se pudesse mobilisar e utilizar os recursos dos Aliados — potencialmente superiores, mas actualmente inferiores em homens e em munições? A flor da população viril de 120 milhões de almas, pela maior parte disciplinada e equipada no ultimo grau da perfeição, ardendo na fé cuidadosamente incutida da sua invencibilidade, não podia deixar de ser um instrumento duma potencia temerosa; porém os Aliados tinham uma população ainda maior, um sistema industrial mais vasto, o dominio do mar e o ardente desejo de vingar uma injustiça. Estes não podiam deixar de ganhar se soubessem resistir ao primeiro choque.

A violencia desse choque e o peso que lhe imprimia o impeto, ainda não foram devidamente avaliados. Vinha com uma força 40 por cento maior do que se havia calculado, e matematicamente era invencivel. Os francezes que teem a alta estrategia no sangue, que teem contribuido mais que todo o resto do mundo junto para a sciencia da guerra, classificam a batalha do Marne como um milagre, não só por ter sido ganha contra forças numericamente muito superiores, mas por que desde o Marne e por causa do Marne a Alemanha vai perdendo a guerra.

Depois do Marne os ataques alemães mudaram de character; não se devem considerar as

grandes batalhas, Albert, Yser e Ypres. com que se fechou o primeiro periodo da guerra, como a continuação da ofensiva alemã mas como tentativas desesperadas de salvar uma situação já meia perdida. Tem grande significação o facto que as ofensivas que se seguiram no *front* occidental, Champagne, Mosa, Neuve Chapelle e Arras, ainda que não passassem de ensaios, foram quasi todas ataques dados pelos Aliados. A segunda batalha do Ypres, terrivel e severa provação, não trazia os sinais caracteristicos da classica ofensiva alemã. Foi a experiencia official duma nova arma, os gazes, cujo exito foi tanto uma surpresa para os seus iniciadores como para as suas victimas.

Durante o resto do ano, na frente occidental foram sempre os Aliados que atacaram. Se não fosse que as nossas esperanças tinham voado muito alto e que a nossa sciencia estava ainda necessariamente muito imperfeita, não teriamos esperado uma derrota definitiva dos alemães, mas ter-nos-hiam enchido de alegria estas provas evidentes que o calculo matematico começava a justificar-se. Loos e Champagne foram sem duvida batalhas indecisas mas que prometiam muito; o seu plano e a sua escala eram bem diferentes dos da serra de Aubers e Notre Dame de Lorette. Estavamos aprendendo a nossa lição. Tinhamos agora 10 homens e 10 peças onde antes havia só um. E contudo, por causa da nossa incapacidade de fundar as nossas expectativas em factos, e as nossas esperanças no raciocinio que eram seus corolarios, estes acontecimentos

produziram abatimento. Existe agora a maxima certeza que se empreendeu a ofensiva alemã no Oriente em consequencia das informações completissimas de que dispunha o estado maior prussiano sobre a absoluta impossibilidade em que se achava a Russia de restaurar as carretas da sua artilharia e os cartuchos da sua infantaria. Se os russos tivessem tido amplos fornecimentos, parece certo que a Alemanha teria chegado muito perto da sua derrota nos fins de 1915. Viu então que a unica coisa que podia fazer era reanimar o espirito do seu povo e procurar diminuir a força da França por ataques repetidos. Porém foi-lhe infligido sem remorso desde 1 de junho até fins de outubro de 1916 a dura experiencia de Verdun.

Durante cinco mezes tiveram de suportar assaltos furiosos na Galicia, no Somme, em toda a linha italiana e nos Balkans. Em toda a parte a corrente estava-lhes adversa. Desde Bapaume até Monastir, desde Gorizia até Estanislau, tiveram de ceder terreno e viram-se em apertos desesperados. A campanha da Romenia ocultou a verdadeira lição do ano, porém não alterou de maneira nenhuma a situação nas frentes principais. A retomada de Douaumont fechou o ano com uma chave de ouro.

O inverno é bom amigo para as causas moribundas. Vem interpôr-se, com os oportunos disfarces de camouflage com que os deuses protectores vinham em socorro dos herois da mitologia, entre o quasi vitorioso e o quasi vencido, de maneira que este ultimo podia reorganisar-se,

redistribuir as suas forças e reabastecer-se encoberto pelas benevolas nevoas, neves e enchen-tes. Os alemães empenharam esforços estupendos para que a sua maquina militar pudesse resistir até ao momento em que a resolução do inimigo se visse minada pelo tédio da guerra. Ao mesmo tempo reanimavam o espirito do seu povo com o grande *bluff* submarino. Prova bem em que apertos se viam, o facto que estavam prontos a afrontar o peso de mais de 100 milhões de inimigos. Aqueles 100 milhões representavam o paiz de maior industria do mundo, uma nação de inventores, intensamente orgulhosa, de espirito ardente, com uma iniciativa que faz parte da sua natureza e tendo a capacidade e a resolução de fortalecer em breve a causa dos Aliados com mais um terço da força viril, com mais metade de força material e com um estimulo moral incomputavel. A serenidade com que os alemães receberam a noticia da entrada da America no conflito, dá a conhecer o grau de desespero a que chegaram e a proximidade da sua derrota. A campanha submarina nunca poderá ser decisiva. Depois da guerra, quando a Alemanha procurar abastecer o seu povo faminto, as suas industrias esfomeadas, o seu commercio paralisado, hão de amaldiçoar o dia 10 de fevereiro de 1917 como um dos dias mais desastrosos dos seus anais.

Depois dessa data sobreveio a revolução russa. A Alemanha saudou essa revolução com um entusiasmo hipocrita, pois via nesse acontecimento a ultima esperanza de poder escapar de

uma situação desesperada. Foi, indubitavelmente, um auxilio durante algum tempo. As offensivas da primavera no Ocidente não lograram ser apoiadas pela actividade no Oriente. Não obstante o exito foi grande para os Aliados e os alemães saíram de cada offensiva exaustos, ensanguentados, enfraquecidos, contudo sempre voltados para o Ocidente, mostrando os dentes, brigões. Estudam os historiadores para descobrirem o ponto essencial, pondo de parte o que é mais dramático mas menos importante. Provavelmente todos dedicarão um largo capítulo á batalha de Messines. Façam o que fizerem os alemães para encobrir e falsificar o facto, sabem que lhes era totalmente impossivel em junho de 1917 ganhar uma batalha dessas. Naquelas poucas horas tão cheias de sucessos está escrita a historia da guerra. Ficaram notaveis não só pela bravura tradicional das tropas britannicas, mas por aquella enorme superioridade técnica e material que resulta de tres anos de preparação. Um silencio ominoso dominou a Alemanha ao saber a verdade, pois ela representava o exito brilhante duma revolução.

Hoje os russos estão fazendo um esforço gigantesco para prestar de novo o seu valioso auxilio no Oriente. A guarda avançada americana já chegou. O estrondo das suas fabricas e o susurro da sua marcha, devem soar aos ouvidos dos alemães como um canto funebre. Temos aprendido com a experiencia de não nos entregarmos ao ótimismo; porém sabemos que, se nos conservarmos serenos, atentos, confiados, a

vitoria não tardará a declarar-se por nós. Já neste ano os Aliados capturaram 130.000 prisioneiros e centenaes de canhões. Não temos a registrar grandes conquistas de territorio, mas o que tomámos conservamos, e continuamos a ampliar os nossos ganhos. Tudo isto sabem os alemães, porém imaginam haver ainda uma esperança — o apresentarem umas condições de paz tão astutamente preparadas que venham semear a discordia entre os Aliados. Tentá-lo-hão sem duvida, porque não lhes resta outro meio. Mas isto é fóra da questão. A lição destes tres anos é que os alemães estão fraquejando e os Aliados reforçando-se. Convém não esquecer que a matematica é uma sciencia exacta: não é provavel que vejamos outro milagre.

